Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 456

21 DE AGOSTO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Continua a *gréve* dos logistas de Lisboa contra a Companhia do Gaz, greve a que nos referimos largamente na nossa ultima chronica.

A *gréve* continua mas passou do estado agúdo para o estado chronico, o estado mais perigoso para a Companhia do Gaz.

Nos primeiros dias fallou-se muito na questão, hoje já ninguem falla n'ella.

Muitas lojas que nas primeiras noites fecharam, imaginando que a coisa seria passageira, abriram já as suas portas, illuminando a petroleo, e esta illuminação que ao principio se julgou provisoria vae passando a definitiva. Já toda a gente, tanto logistas como publico, se habituou a ella, e apezar da energia com que as auctoridades souberam manter o direito d'aquelles que não quizeram adherir á gréve, muitos poucos tem usado d'esse direito e com a excepção de dez ou quinze estabelecimentos que illuminam a gaz, póde dizer-se que a *gréve* é geral em toda a cidade e se mantem com a mesma união do primeiro dia e com uma persistencia que muita gente não esperava.

E se o velho proverbio portuguez não mente o triumpho será para os *grevistas* porque os factos d'estes vinte dias mostram que elles não estão muito dispostos a cançar, e por tanto alcançarão.

* * *

Nos tribunaes epilogaram-se os tumultos havidos na primeira noite da *greve*, epilogaram-nos condemnando cento e tantos dos arruaceiros que a policia prendeu n'essa noite nas ruas da baixa, todos elles muito conhecidos da policia e da justiça, onde teem opulentos cadastros.

Todos esses presos foram condemnados a penalidades pequenas, mas com a clausula de expiada a pena serem entregues ao governo para lhes dar destino conveniente obrigando-os a trabalhar e parece que o governo está decidido a usar d'uma medida energica que ha muito tempo era reclamada vivamente portoda a população de Lisboa, isto é, a mandar para Africa trabalhar esses sujeitos que tem a vida cheia de crimes, pequenos pela importancia de cada um; mas grandes pela reencidencia, sujeitos a quem as penas de prisão correcional longe de regenerar não fazem senão aperfeiçoar na arte do crime e da vadiagem com as bellas licções que se aprendem nas salas das prisões correcionaes do Limoeiro.

Muitos senão todos d'esses cento e tantos tem já o curso completo, são doutores de capello na arte de furtar e esfaquear o proximo e parece-nos que muito avisadamente andará o governo limpando a ciuade d'essa horda de gatunos e de faquistas, que constituem um verdadeiro incommodo quando não um grande perigo para a população e para a vida da capital.

E segundo temos ouvido o governo está disposto a proceder assim energicamente não só em relação aos presos da arruaça do dia 1 d'agosto, como tambem em relação a todos os gatunos e vadios, cuja reencidencia for provada e notoria e d'ali resultará um grande bem para a cidade e apenas será prejudicada a parte da policia, que desde que esses cento e tantos sujeitos estão presos, vem muito menos interessante, quasi que sem nenhuma leitura pois é realmente notavel o descrescimento que n'estes dias tem havido na chronica dos roubos, das facadas e das desordens.

* * *

N'estes dez dias decorridos sobre a nossa ultima chronica, Lisboa teve duas novidades theatraes importantes, a estreia das *nadadoras* no Colyseu dos Recreios, e a representação d'uma opera comica com poema e musica portuguezas, no theatro da Avenida.

Apezar porem d'essas duas novidades terem chamado e estarem chamando a attenção do publi-

MONSENHOR DOMINGOS MARIA IACOBINI

NOVO NUNCIO DE SUA SANTIDADE EM LISBOA

(Segundo uma photographia de A. Rinaldini)

co nós muito pouco ou quasi nada poderemos dizer d'ellas.

E o original do caso é que não podemos fallar d'uma precisamente pelo motivo opposto áquelle porque não podemos fallar da outra.

Não podemos fallar das *nadadoras*, porque as não vimos ainda, porque não conhecemos inteiramente nada dos seus trabalhos; não podemos fallar da peça da Avenida justamente pela razão contraria, porque a conhecemos muito, porque temos com ella muito estreitas relações.

Entretanto se como collaborador do *Burro do sr. Alcaide* não podemos dizer todo o bem que pensamos da musica de Cyriaco de Cardoso e dos versos de D. João da Camara, pela solidariedade a que a collaboração obriga e para que isso não fosse tomado como pretexto para chegar a braza á nossa sardinha, podemos dizer como chronista o que entendemos do desempenho d'essa peça, devemos como auctor d'ella agradecer publicamente a todos os excellentes artistas do theatro Avenida a dedicação e interesse com que trabalharam na peça, o talento notabilissimo com que desempenharam os seus papeis, desempenho *hors-ligne* a que se deve o exito felicissimo que o *Burro do sr. Alcaide* alcançou perante o publico e perante a critica.

E ao mesmo tempo seja-nos permittido fazer uma rectificação emquanto á maneira como nasceu a idêa de se fazer essa opera comica, ideia que não nasceu de modo algum, como por equivoco, disseram alguns nossos illustres collegas, da nossa colaboração na farça *Zé Palonso*, que em Abril se representou no theatro da Rua dos Condes em beneficio da Creche de Santa Eulalia, e em que entrou a grande cantora Helena Theodorini.

N'essa collaboração entrava um terceiro dramaturgo, e dos mais gloriosos e illustres de Portugal, Lopes de Mendonça, e é claro que se fosse da collaboração do *Zé Palonso* que a collaboração do *Burro do sr. Alcaide* tivesse sahido, não poderia de maneira nenhuma ser a ella estranho o laureado auctor da *Morta* e do *Duque de Vizeu*.

A ideia de fazermos uma opera comica original veiu muito mais tarde, e partiu de Cyriaco de Cardoso.

Quando no theatro da Avenida se começou a ensaiar a *Gran-Duqueza*, Cyriaco de Cardoso procurando peça para succeder no cantar a famosa operetta de Offenbach, entendeu que o que convinha ao theatro mais do que qualquer peça estrangeira embora de grande nomeada, era uma operetta original, com poema, musica e assumptos portuguezes, e fallou-nos n'isso.

Não acceitámos nem recusámos, pensámos sobre o caso, e d'ali a dias, — isto era no fim de maio — deu-se a coincidencia de conversando com o João da Camara elle, sem saber da conversa de Cyriaco, nos propor fazermos juntos um poema d'operetta.

E foi d'esta coincidencia que nasceu a opera comica que o theatro da Avenida acaba de levar á scena com um desempenho perfeitamente excepcional, pois desde os principaes papeis até aos mais pequenos, esse desempenho é primoroso, completo, irreprehensivel, como o disse a critica nos seus artigos, como todas as noites o publico o diz nos applausos calorosos com que festeja esses excellentes artistas.

Valle, o inimitavel comico portuguez cuja uberrima veia comica tem todos os dias surpresas mesmo para aquelles que mais o conhecem, que mais habituados estão aos prodigios do seu talento, é magnifico no seu papel de boticario do principio de seculo:

Joaquim Costa um artista de enorme valor, que até agora ainda se não tinha evidenciado em toda a luz do seu brilhante talento, por ter estado em theatros cujo genero não era bem o seu e onde o elemento genuinamente comico não occupa o primeiro plano, foi uma verdadeira revelação para muita gente que não sabia ainda do muito de que elle é capaz, pela maneira notabilissima como desempenha o papel de Alcaide.

Setta da Silva faz magistralmente o papel de meirinho, que comprehendeu e executou como um verdadeiro artista que é, e de que faz uma das principaes creações da sua brilhante carreira theatral

Joaquim Ferreira um actor que tem uma boa veia comica e bella cara comica deu um grande relevo a um pequeno papel.

Pereira d'Almeida um actor que principia e que tem notaveis disposições para a scena representa um excellente um *bout de robe*, com a auctoridade e o *savoir faire* d'um artista já feito.

Emquanto ás actrizes temos em primeiro logar Cinira Polonio, que fez do papel de André a mais brilhante corôa da sua rapida carreira artistica em Lisboa.

E' completa, é magnifica como cantora e como actriz a formosa artista e tanto nas cousas mais difficeis como nos promenores mais pequenos do seu papel o seu trabalho é irreprehensivel, tem um colorido, um brilho que bastavam para a collocar em logar d'honra entre os primeiros artistas de opera comica.

Lucinda do Carmo, cujo notabilissimo talento vae finalmente brilhar no theatro que de ha muito lhe competia, o theatro de D Maria, faz com grande distincção a todo o papel de Gina, e representa maravilhosamente com Cinira a scena da tragedia no ultimo acto.

Florentina Rodrigues, uma hespanhola muito viva e com muito boa voz sahiu-se perfeitamente das grandes responsabilidades que sobre ella pesavam no papel de Affonsa.

Conheciamos muito pouco Emilia Brazão, conheciamol-a apenas de a ver fazer um papel de *soubrette* n'uma peça franceza que imitámos ha um anno e que viveu vida ephemera e tormentosa no theatro do Principe Real.

No *Burro do sr. Alcaide* fomos encontral-a a fazer uma caracteristica difficil e que ella faz com muita graça, com muita naturalidade revelando-se uma actriz a valer que caminha a passos rapidos para a primeira plana das nossas caracteristicas.

Outra actriz que conheciamos ainda muito menos que a sr.ª Emilia Brazão era a sr.ª Candida Palacio.

Tinhamol-a visto apenas de longe a fazer o papel de Cornelio Gil na *Gran Duqueza* e tinhanos agradado muito. Vendo-a de perto nos ensaios do *Burro do sr. Alcaide* ficámos maravilhados com ella.

Muito gentil, muito interessante, Candida Palacio é d'uma intelligencia clarissima, lucida, e comprehende com rara facilidade, as mais pequenas *nuances* do seu papel, a que prestou todo o encanto de seu delicado talento e da sua distincta gentileza.

Se o nosso olho nos não engana Candida Palacio que ainda ha poucos mezes appareceu no nosso theatro occupara n'elle dentro de muito breve, um logar de primeira ordem.

Seria uma injustiça flagrante acabar esta noticia, sem citar dois nomes, cada um d'elles ainda desconhecido e que no *Burro do sr. Alcaide* se puseram em evidencia, tambem em primeiro plano, e cujo delicadissimo trabalho artistico é bisado todas as noites — Thereza de Carvalho e Julio de Sousa.

Thereza de Carvalho é uma curista, que pela primeira vez que se destacou das massas choraes para cantar a solo deu logo nas vistas, teve immediatamente uma grande ovação.

Thereza de Carvalho é a saloia que canta as coplas populares do principio do segundo acto. Tem uma voz bonita, canta adoravelmente essas coplas e dança com uma graça distincta, com uma elegancia despretenciosa que difficilmente seria egualada e que lhe vale todas as noites enthusiasticos applausos.

D'esses applausos partilha e com plena justiça o sr. Julio de Sousa que faz o pescador e que canta as trovas populares com uma delicadeza e uma arte especial para aquelle genero, como nunca ouvimos cantar melhor modinhas populares.

E todos os outros papeis, nem alguns que não tem senão um ou dois ditos tem na Avenida um desempenho mais do que correcto, bem excellente, e se isso se deve ás aptidões dos artistas que os desempenham deve-se tambem e em grande parte ao talento ao zelo e á sciencia do seu officio, com que os ensaiou Augusto de Mello, que não contente com o trabalho de ensaiador, para que o bello *ensemble* não fosse desmanchado, se prestou expontaneamente a desempenhar na peça um pequeno papel abaixo dos seus ultimos meritos artisticos.

E a elle que faz milagres, e a todos os artistas que fizeram prodigios no *Burro do sr. Alcaide*, e ao scenographo Reis que pintou tres novas scenas para a peça, o enthusiastico applauso como chronista e o nosso profundo reconhecimento como auctor.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

O NOVO NUNCIO DE SUA SANTIDADE EM LISBOA,

MONSENHOR DOMINGOS MARIA IACOBINI

Monsenhor Domingos Maria Iacobini, novo nuncio de Sua Santidade Leão XIII junto de Sua Magestade Fidelissima, nasceu em Roma a 4 de setembro de 1837. É, portanto, um romano que pela primeira vez vem desempenhar as funcções de nuncio em Lisboa.

Dos mais estimados prelados tanto na corte pontificia como entre o povo romano, essa estima e popularidade justifica-se plenamente pelos elevados dotes de espirito e de coração que enriquecem Monsenhor Iacobini, largamente provados nos actos da sua vida toda dedicada ao bem, ás salutares praticas do Evangelho, como um verdadeiro ministro de Deus e da Egreja que é.

Muito mais padre que politico, tanto se soube elevar pela pratica das virtudes, que poude desprezar as malicias da politica, para chegar a merecer a confiança neccessaria para desempenhar os altos cargos a que a sua esclarecida intelligencia e vasta illustração tinham direito.

Um seu biographo, n'uma excellente biographia que temos á vista, referindo-se á brilhante carreira de Monsenhor Jacobini, diz:

«A sua intelligencia e os seus merecimentos o collocaram desde o principio da sua carreira ecclesiastica debaixo das vistas do Summo Pontifice, e não tardou muito a ser chamado a prestar seus serviços á egreja, começando na mais importante das instituições romanas, a santa congregação da *Propaganda fide*. Foi alli, primeiramente addido ao archivo, e depois official para os Estados Unidos da America, colonias inglezas do Canadá, Indias e China.

Em 1874, tendo apenas 36 annos, foi nomeado para o importantissimo logar de substituto da Secretaria dos Breves. Mas não esteve muito tempo n'aquelle logar, porque o Summo Pontifice Leão XIII, apenas subiu á cadeira de S. Pedro, poz sobre elle as suas vistas, e o chamou a mais altos e delicados officios, nomeando o secretario dos negocios ecclesiasticos extraordinarios e depois vice-bibliothecario da Santa Egreja Romana, e elevando-o ao mesmo tempo á dignidade de conego da Patriarchal Basilica Vaticana; e para mostrar mais o alto apreço em que tinha as suas virtudes e merecimentos, Sua Santidade o exaltou á dignidade de arcebispo titular de Tyro, preconisando o no consistorio secreto de 4 de agosto de 1881.

Foi lhe confiado em 1882 o gravissimo encargo de secretario da Santa Congregação da Propaganda, e alli continuou até estes ultimos dias, em que o Summo Pontifice o destinou para seu representante junto da corte portugueza.

Mas não é só no exercicio das mais elevadas funcções que Monsenhor Iacobini tem prestado grandes servicos á Egreja. Conhecedor do espirito e das necessidades dos tempos, elle se dedicou com zelo ardente a cultivar outro campo mais vasto e fecundo. A juventude e a classe operaria teem sido por longos annos o objecto constante de seus desvelos e fadigas apostolicas.

Em 1860, tendo apenas 23 annos, entregava se com fervorosa dedicação á grande e santissima empreza de evangelisar a juventude, a cujo bem consagrou toda a sua vida. Prégava nos dias festivos aos estudantes de philosophia das escólas de S. Apolinario e os alumnos de outros institutos escolasticos. Nos tempos difficeis em que a revolução insidiava por todos os modos a mocidade procurando prendel-a em seus laços fataes, o joven sacerdote Iacobini trabalhava indefessamente por salval-a. A universidade romana da *Sapientia* era o alvo principal das miras sectarias, e foi tambem alli a ceara mais abundante do novo apostolo. Pregava todos os domingos á numerosa academia reunida na capella d'aquella celebre universidade, e com a sua eloquencia fervorosa e persuasiva, a sua illustração, a sua vida exemplarissima, as suas maneiras sympathicas e attrahentes, conquistou de tal modo aquelles animos juvenis, que se tornou o arbitro de seus corações.

Os fructos d'esta missão providencial vêem-se ainda hoje n'aquella admiravel sociedade da juventude catholica intitulada *Circulo de S Pedro*, tão benemerita da Egreja e á qual se devem todas as grandes demonstrações de fé que se teem visto em Roma n'estes ultimos vinte annos. Esta grande associação, que os mesmos adversarios da religião são obrigados a respeitar pelas grandes obras sociaes que promove, teve a sua origem na universidade romana, em 1867, por iniciativa e impulso de Monsenhor Iacobini, que foi sempre o centro e a vida d'esta benemerita instituição.

Depois que a Universidade foi *laicizada* em 1870 pelo governo italiano, o infatigavel apostolo não abandonou o campo. Fechada a capella da *Sapientia*, cerca de 400 academicos se reuniam egualmente nos domingos na egreja interna da Casa da Missão, e alli ouviam os discursos instructivos e as exhortações salutares de Monsenhor Iacobini, que ao mesmo tempo os entretinha ás noites em recreações innocentes e em santa con-

vivencia, inspirando-lhes aquelle espirito de caridade operosa, que tantos fructos depois produziu. D'este modo poude fundar outras obras de grande proveito para a religião, sendo uma d'ellas a *Sociedade de S. Carlos para a diffusão da boa imprensa*.

Mas se a juventude carecia de auxilio e direcção para ser defendida das seducções e dos perigos, outra classe havia egualmente merecedora de protecção porque não menos exposta a ser arrastada pela corrente do mal; e Monsenhor Iacobini emprehendeu animosamente a obra da salvação dos artistas e operarios, e fundou em 1871 a grande *Sociedade Catholica Artistica Operaria*, a que assistiu com grande dedicação até estes ultimos dias. Era sabido em Roma que quem quizesse uma audiencia de Monsenhor Iacobini, tinha a certeza de encontral-o todas as noites nas salas do *Circulo de S. Pedro da Juventude Catholica* ou nas da *Sociedade Artistica e Operaria*.

N'estas duas grandes e admiraveis instituições se manifesta o genio emprehendedor e o espirito benefico de Monsenhor Iacobini, cujas obras se distinguem especialmente pelo seu caracter eminentemente social e humanitario. Ao Circulo de S. Pedro se devem todas as grandes demonstrações de fé que temos admirado em Roma durante os ultimos vinte e cinco annos: foram obra sua as festas e peregrinações do jubileo de Pio IX em 1877, as do jubileo de Leão XIII em 1888 e a maravilhosa Exposição Vaticana. Mas não é unicamente a obra puramente religiosa que se dedica esta benemerita sociedade; as suas *Cosinhas economicas*, os seus *Dormitorios publicos*, todas as outras obras de beneficencia que promove e sustenta, a teem tornado tão benemerita, que as mesmas authoridades italianas teem recorrido ao seu apoio nas occasiões mais difficeis da presente crise operaria.

Assim tambem a *Sociedade Catholica Artistica e Operaria*, da qual como do *Circulo de S. Pedro* Monsenhor Iacobini foi sempre a alma e a vida, une aos fins puramente religiosos a acção social e philantropica. Os subsidios que ella distribue aos socios necessitados ascendem, cada anno, a cerca de quatro contos de reis. São fructos do seu desenvolvimento e actividade a fundação do *Banco Artistico e Operario*, que rivalisa hoje em Roma com os melhores institutos de credito; a *Caixa economica* para os artistas e operarios; e a *Sociedade Artistica e Operaria para a construcção de casas economicas*, á qual deve a cidade de Roma o novo bairro de Destaccio, onde as classes podem achar, por um aluguel insignificante, habitação commoda e salubre.»

Depois de se saberem estes factos que tanto enobressem a vida de Monsenhor Iacobini e dão a medida do seu saber desenhando ao mesmo tempo tão correctamente o seu caracter bom, é facil comprehender a grande popularidade alcançada por elle no seu paiz e a distincta consideração que o Summo Pontifice lhe dispensa e toda a côrte do Vaticano.

São estas mesmas razões que devem garantir desde já a Monsenhor Iacobini a estima e o respeito dos portuguezes, de que elle aliaz sabe a historia gloriosa e pelo que ha muito nos conhece e aprecia, sendo versado nos nossos melhores auctores, o que val dizer que sabe a nossa lingua e a falla com bastante correcção e clareza.

Nos negocios entre Portugal e a Curia tem sido sempre Monsenhor Iacobini um bom defensor dos portuguezes, e essa dedicação pelo nosso paiz foi-lhe tão reconhecida que o governo portuguez o agraciou ha tempo com a gran-cruz da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Uma maior prova ainda de estima e reconhecimento lhe foi prestada pela colonia portugueza que vive em Roma. Nas vesperas da sahida para Portugal de Monsenhor Iacobini, os portuguezes offereceram-lhe junto com uma mensagem muito affectuosa, um annel pastoral de subido valor artistico

A esta manifestação expontanea respondeu Monsenhor Iacobini renovando os seus protestos de estima pelos portuguezes e que se dedicaria com todas as suas forças ao bem de Portugal.

O MOSTEIRO DO VARATOJO

O Varatojo é uma pequena aldeia pertencente á freguezia de S. Pedro de Torres Vedras, e proxima á fortaleza de S. Vicente.

Teve esta aldeia epocas de grande prosperidade, porque n'ella tiveram habitação nobres fidalgos do reino, habitações de que hoje apenas existe uma bastante arruinada, e por isso nada mais de notavel offerece esta aldeia actualmente á curiosidade do viajante que o seu mosteiro franciscano.

Foi este mosteiro fundado por D. Affonso V, que para esta fundação deu aos frades franciscanos, em 1470, uma quinta que possuia no Varatojo e lhe doou avultadas esmolas para a construcção da modesta fabrica, conforme a regra da ordem.

De seu principio destinado a seminario, ali se educaram sacerdotes exemplares em suas virtudes e saber e que prestaram relevantes serviços á patria e á religião, como missionarios nos mais inhospitos dominios de Portugal atravez de todos os perigos que cercavam, como ainda hoje cercam, as missões catholicas nas terras d'Africa, Asia e Oceania.

Os nomes d'esses benemeritos filhos do Mosteiro do Varatojo formam uma extensa lista em que se nos depara D. Gaspar de Moscoso, irmão do marquez de Gouveia, que aqui professou trocando o seu nome de familia pelo de frei Gaspar da Encarnação; frei José da Assumpção, filho de pobres lavradores e que chegou a ser bispo de Lamego; frei Antonio das Chagas, que no mundo teve o nome de Antonio da Fonseca Soares, tão conhecido pelas suas obras litterarias como pelas suas virtudes, e que transformou este mosteiro franciscano em collegio ou congregação de missionarios apostolicos com beneplacito regio e bulla do papa Innocencio XI. Aqui morreu tão virtuoso e sabio padre, conservando-se ainda respeitosamente a cella onde elle espirou o ultimo alento.

A vida do rei D. Affonso V que, como dissemos foi o fundador d'este mosteiro, tem intimas ligações com esta casa religiosa.

É bem conhecido o atribulado reinado d'este monarcha e as infelicidades que o preseguiram até ao fim da vida, em que a não menos dolorosa foi a sua prisão que terminou com o tratado de paz de 4 de setembro de 1479, em que D. Affonso renunciou aos seus direitos á corôa de Castella.

Foi no mosteiro do Varatojo que o infeliz monarcha, privado da esposa, a princeza D. Joanna denominada a *Excellente Senhora*, que se recolheu ao mosteiro de Santarem onde morreu em cheiro de santidade, e perdidas as esperanças de continuar a reinar em Portugal e Castella, se refugiou por muitas vezes nos fins da vida, passando temporadas com os frades franciscanos na oração e na penitencia.

D. João II e sua esposa a rainha D. Leonor ali foram procurar, na oração e nos confortos da religião, alivios á sua dôr pela morte desastrosa de seu filho unico o principe D. Affonso.

E eis como na historia d'este modesto mosteiro se encontram factos tão honrosos que lhe marcam, sem duvida, um logar especial entre os fastos das casas religiosas de Portugal.

Ainda hoje essas honrosas tradicções se não perderam, e apesar da extincção das ordens religiosas no nosso paiz e do mosteiro ter sido vendido ao sr. João Feyo de Magalhães Coutinho, visconde da Torre, este depois o vendeu a frei Joaquim do Espirito Santo, religioso do mosteiro, entrando por tanto na posse dos religiosos que ali se conservam observando as praticas da sua ordem e continuando na sua propaganda catholica como missionarios.

Assim o mosteiro do Varatojo é hoje uma propriedade particular como outra qualquer e os seus habitadores tem o direito de lá viverem sob os preceitos e regras que se outhorgaram, desde que publicamente não transgridam as leis que governam a nação.

Cabe aqui o dizer isto pelo muito que para ahi se tem fallado dos padres do Varatojo com que algumas pessoas, mesmo sem saberem do que se trata, parece incommodarem-se muito entendendo que a boa observancia das leis periga com a existencia d'aquella casa religiosa.

Não nos parece que essas pessoas tenham razão, porque de resto ha casas muito mais perigosas para a segurança e moralidade do nosso paiz, sem que se levante o mais ligeiro protesto contra ellas.

Ora a respeito do perigo d'esta casa religiosa oiçamos o que diz um correspondente de Torres Vedras para uma folha da capital:

«Existe a dois kilometros d'esta villa (Torres Vedras) no logar do Varatojo, um edificio do antigo convento da ordem de S. Francisco, hoje habitado por padres missionarios, que só tem em mira a beneficencia.

Estes padres praticam obras de tão subido merito e sublimes sentimentos, que não posso deixar de as patentear.

O povo do Varatojo seria completamente rustico, posto que com raras excepções, se não houvesse no seu seio aquelles homens, cujo unico interesse é espalharem a luz de que tanto carecem os povos!

Pedem com instancia aos paes, que mandem seus filhos á escóla por elles estabelecida, onde gratuitamente se ensinam instrucção primaria e algumas materias da secundaria, fazendo-lhes seguir os verdadeiros deveres de bom christão.

Não ficam aqui os seus cargos humanitarios; ás horas da sua refeição os pobres da localidade e os transeuntes ali se dirigem, sendo-lhes então distribuida, com a verdadeira fraternidade, uma parte da sua parca refeição.

Estes actos nunca poderão ser esquecidos. Não é isto lisonja da minha parte, mas sim fazer vêr quanto util poderiam ser muitas d'estas santas casas no paiz.»

Resta-nos dizer alguma cousa da modesta fabrica do edificio, que sem ostentar grandezas nem primores de architectura, está muito bem conservada.

A egreja é de proporções regulares e ornada com simplicidade e aceio. Tem uma vasta sachristia com bellos arcazes em que se guardavam preciosas alfaias e paramentos que os francezes roubaram em 1807.

Tem algumas imagens de excellente esculptura em que mencionaremos a de Nossa Senhora das Graças.

Tambem tem preciosas reliquias.

É em fim um monumento de piedade digno do respeito de todos pelas gloriosas tradicções que tanto o honram no passado como no presente.

A COURAÇA D'AÇO E NIKEL CREUSOT

As recentes experiencias comparativas, feitas por uma commissão de officiaes, no polygono de Annapolis, nos Estados Unidos, deram uma superioridade encontestavel á couraça d'aço e nikel Creusot de fabricação franceza, como passamos a relatar, segundo a noticia que encontramos n'uma folha americana, com as gravuras demonstrativas d'aquellas experiencias.

E' conhecida a lucta encarniçada que existe entre o canhão e a couraça desde que esta se applicou ás construcções navaes.

N'esta lucta a victoria parece ser da parte do canhão, o qual póde augmentar de poderio e penetração até limites quasi indefinidos, logo que chegue com grande força e velocidade ás espessuras extremas de metal que praticamente se pódem empregar para a protecção dos navios.

A nossa gravura representa tres placas damnificadas por ballas do mesmo canhão.

Uma das placas (Compound) foi feita na casa Cammell e C.ª esta mesma qualidade de aço é muito usada nas construcções de navios de guerra inglezes.

A casa Schneider du Creusot pode desde já mostrar a superioridade das suas duas placas uma só de aço e outra de aço e nikel a qual é de superior qualidade como mostra pela resistencia que oppoz ao projectil.

D'estas tres placas a Cammell era a mais espessa e tinha 272,^{m} 28; a de aço tinha 268,^{m} 47 e a de aço e nikel 264,^{m} 66 esta ultima era a mais estreita e foi a que mais resistiu.

O canhão empregado era uma peça de 152,^{m} 4 de 35 calibres de comprimento e a bocca achava-se afastada das placas 8,^{m} 38.

A carga era de 20 kilgr. 158 de polvora o projectil e um obus de ruptura Holtzer de 45 kilgr. 300 a velocidade inicial era de 632^{m}40 e a energia do choque de 2:295 716. kilogr.

Cada uma das placas recebeu então no meio um tiro d'aquelles projectis e mais quatro sendo um em cada angulo.

A commissão que procedeu ás experiencias classificou as tres placas da seguinte forma:

1.ª placa de aço e nikel.

2.ª a que era só feita de aço e 3.ª a Compound.

Esta prova de adiantamento da industria franceza merece ser discutida nos centros militares e seguida de outras experiencias para bem se avaliar os progressos da industria metalurgica franceza applicada ás armas de guerra.

Fallou-se ainda não ha muito tempo em blindar a torre do Bugio como uma boa defeza da barra de Lisboa, e porisso nos pareceu bom tornar conhecido em o nosso paiz os resultados das experiencias feitas no polygono de Annapolis, onde se reconheceu a superioridade da couraça Creusot.

Ahi fica a noticia e os competentes que julguem e resolvam como melhor fôr, caso o governo determine blindar a torre do Bugio.

OS DOIS PRESIDENTES DA REPUBLICA DO CHILI

Em o numero antecedente nos referimos aos acontecimentos da republica do Chili a proposito do couraçado chileno *Presidente Errásuris*

de que publicámos a gravura, por isso hoje apenas temos a completar essa referencia, dando algumas notas biographicas do presidente dictador D. José Manoel Balmaceda e do novo presidente que acaba de ser eleito e lhe deve succeder, D. Claudio Vicuña, de que publicamos os retratos.

D. José Manoel Balmaceda foi eleito presidente da republica do Chili em setembro de 1886 devendo terminar o seu mandato, que é de cinco annos, em setembro proximo.

Como dissemos, no numero antecedente, os acontecimentos de janeiro d'este anno levaram o presidente Balmaceda a assumir a dictadura chamando a si todos os poderes do estado, e luctando fortemente para sustentar a sua auctoridade.

Essa lucta tem-lhe dado uma celebridade universal porque em toda a parte são hoje conhecidos os acontecimentos que pozeram em revolta a florescente republica chilena.

Balmaceda nasceu no Chili, em 1843 e é filho de paes tambem chilenos. Estudou no seminario de Santiago e os meios de fortuna que possue deram-lhe facil entrada na vida publica da politica. Sem ter uma instrucção scientifica que o habilitasse para os altos cargos officiaes, nem por isso deixou de os occupar e d'elles se desempenhou de modo superior, o que lhe deu a sufficiente popularidade para se fazer eleger presidente da republica.

Fôra por vezes ministro e quando o elegeram presidente, era ministro do reino e presidente do gabinete.

D. Claudio Vicuña, presidente que acaba de ser eleito por unanimidade, é um antigo membro do governo, muito intelligente, muito illustrado e muito rico.

Nasceu em 1833 e descende de uma distincta familia chilena, tendo nos seus ascendentes um avô que tambem foi presidente da republica, Francisco Vicuña.

Claudio Vicuña occupou a cadeira de senador de Santiago por muitos annos e era presidente do gabinete do conselho de ministros no ultimo ministerio.

É de esperar que com a nova presidencia se restabeleça a paz no Chili, terminando as luctas que tem trazido a republica desunida, e que a mesma continue no seu caminho de progresso e prosperidades que tanto a engrandeceram.

AS GUERRAS DA ZAMBEZIA

II

Está envolta em mysterio a primeira parte da vida do Inhaúde. Sabe-se que foi creado em Tete, que esteve depois no prazo Bamba, e em 1840 ha noticias d'elle porque figura o seu nome entre o de outros colonos do prazo Bamba que fizeram guerras e correrias, de que se queixava João de Sousa Nunes de Andrade ao commandante militar. Este participou o caso em officio ao capitão-mór das terras. Provavelmente a estes officios se limitaram as providencias, como é costume. O que é certo é que d'ahi a pouco tempo apparece de novo o Inhaúde como agente de um negociante indio, com quem parece que estava aparentado, Francisco João Xavier.

Um romancista, que deliberasse tomar para assumpto de uma das suas composições a vida do Inhaúde, não deixaria de mostrar a vingança a rugir no peito do filho do Bereco. Seu pae fôra enforcado pelos portuguezes em Moçambique. Oh! raça maldita!» bradaria o pequeno, e faria, como a mãe da doida de Albano, o juramento sagrado de vingar seu pae. Estes sentimentos artificiaes não vivem n'estas almas. Se o Inhaúde tinha conhecimento do modo como o pae morrera, havia de encarar o caso philosophicamente. N'aquellas existencias selvagens casos d'estes não são raros, ou não o eram n'esse tempo. Hoje somos humanitarios e ninguem se atreveria em Moçambique a enforcar o Bonga. Alphonse Karr, como sabem, era partidario da abolição da pena de morte, simplesmente exigia que os assassinos principiassem. Nem o Bonga, nem o Inhaúde estavam dispostos a dar tão nobre exemplo; por isso fomos nós que principiámos e não tivemos por isso agradecimentos.

Ora aconteceu, entre os annos de 1840 e de 1844, que um Pedro Caetano Pereira, que governava na Makenga, morresse imprevistamente, logo depois de receber de Francisco João Xavier um presentesinho de uns seis frascos de genebra, que provavelmente lhe foram levados pela mão amiga do Inhaúde. Os *Retits cadeaux* pode ser que conservem a amizade, mas n'este caso não conservaram o amigo, que foi d'esta para melhor vida, sem ter tido talvez a consolação de apanhar uma bebedeira de estalo com a genebra do Francisco João Xavier. Sem terem lido a *Lucrecia Borgia*, os makangueiros desconfiaram que a genebra era vinho de Syracusa, e ou por terem observado que *o Hespanhol não bebêra*, sendo n'este caso hespanhol Inhaúde, ou por lhes parecer que em tão bonita acção seria o Inhaúde collaborador do seu amigo e parente, trataram de dar cabo de um e de outro. D'ahi resultou uma barulhada infernal, e, para evitar desordens que não tinha força para conter, o governador de Tete mandou o Inhaúde em 1844 para o prazo de Massangano. Deu-lhe d'esta maneira a séde do futuro imperio da familia.

O que se passou desde então é o que se pode imaginar mais aviltante para a auctoridade e para o prestigio do nome portuguez. O novo senhor da Makanga, que tinha o mesmo nome do fallecido, declarou ao governador de Tete que não haveria socego n'aquellas terras, emquanto lhe não fossem entregues a elle o Xavier e o Cruz. Felizmente o governador não cedeu, mas tambem não teve força para punir a atrevida intimação.

A Makanga estava pois n'esse estado; como ia estar Massangano vamol-o vêr agora.

Havia em Tete um negociante chamado Antonio Vicente Collaço, casado com uma rica viuva, D. Balbina Joaquina Nunes de Andrade. Este Collaço era amigo intimo do Inhaúde. Foi uma vez visital-o a Massangano. Teve hospitalidade principesca, e D. Balbina, que tem ares de ser durazia, e de cabellinho na venta, ciosa do segundo marido, suspeitou com fundadas razões que o Inhaúde hospedára o marido como Attila hospedou os embaixadores do imperio do Oriente, dando-lhe casa, meza, cama e companheiras. Foram dois ou tres dias de pandiga rasgada, mas não tardou, para o feliz maganão que tivera fartura de pretas, a hora das amarguras. Balbina esperava-o na praia de Tete, na companhia de varias negras, e, quando abicou á praia o escaler do Inhaúde que conduzia o inconstante esposo, cevou a enfurecida esposa as suas iras no innocente escaler que ella e as escravas despedaçaram. Não conta a chronica o que succederia em casa aos cabellos do marido. Esse desastre conjugal não teve consequencias historicas

O MOSTEIRO DO VARATOJO

(Desenho do natural por J. R. Christino)

mas a destruição do escaler é que as teve. Quando os pretos do Inhaúde appareceram em casa do amo sem escaler e com a narrativa do caso succedido, o Inhaùde pensou primeiro em ir buscar pelas orelhas a sr.ª D. Balbina, ainda mesmo que esta não acompanhasse as orelhas, mas depois jurou que os negociantes que passassem no Zambeze lhe pagariam o escaler. Foi este caso ridiculo a origem de todas as desgraças da Zambezia. *Amour, tu perdis Troie!*

Era então commandante militar de Tete o sr. Delphim José de Oliveira que ainda vive; o caso deu-se em 1850. Sabendo da ameaça do Inhaùde intimou-o a que viesse a Tete. O Inhaùde não foi. Mandou-lhe então para o obrigar a ir um alferes com 12 soldados. Conta o sr. Castilho que este alferes era genro da propria D. Balbina. Seria idéa *da* sogra e idéa *de* sogra, ou seria o proprio alferes que se apresentou voluntariamente, preferindo ir estar com o Inhaúde a estar com uma sogra do genero de D. Balbina? Não se sabe. O que se sabe porém infelizmente, é que o Inhaùde, apenas lhe appareceu esta pequena força, mandou agarrar todos, official e soldados, fêl-os despir, metteu-os na gargalheira onde os teve dois dias e obrigou-os a pilar milho!

Era a suprema affronta que era indispensavel punir immediatamente, sob pena de se perder todo o prestigio, toda a auctoridade n'aquella desgraçada região. Quiz fazel-o o commandante de Tete, mas tinha ao todo 80 soldados pretos e 3 officiaes brancos, sem armas, sem rancho, sem fato, sem pret e sem soldo! Com estes elementos o que podia fazer o desgraçado commandante? Calar-se.

Tentou porém preparar uma desforra, aproveitando o odio que os de Makanga tinham ao Inhaùde. Para elles appellou, conseguiu reunir uns 4000 homens, e marchou contra Massangano, mas quando? Em 1853.

O Inhaùde comtudo não era um homem vulgar, tinha energia e tinha perspicacia. Percebera bem que tentariam castigal-o, e fizera da sua aringa uma verdadeira fortaleza, guarnecida por 400 homens, dedicados e intrepidos. Quando as tropas chegaram, encontraram-n'o prompto a sustentar o cerco. Defendeu-se tres mezes, e ao fim d'esse tempo fez uma noite uma sortida, em que desenvolveu uma rude estrategia exactamente accommodada áquelles combates e aquelles inimigos. Emquanto os seus pretos avançam, elle dá em portuguez ordens em voz alta, como se fosse o chefe dos sitiadores, chamando pelos seus nomes os officiaes de Tete, designando-lhes os sitios por onde hão-de avançar, de forma tal que se tornou extrema a confusão. Os sitiadores não sabiam onde estava o inimigo, nem onde estavam os seus commandantes. Não havia assim defeza possivel. A barulhada transformou-se depois em derrota, fugia-se para todos os lados, e o Inhaùde, victorioso no campo da batalha coberto dos cadaveres dos seus inimigos, podia-se gabar de que fizera levantar o cerco da sua aringa. As nossas humilhações eram cada vez mais profundas.

O Inhaùde quiz proseguir na sua victoria, e usou atacar Tete, sendo felizmente repellido. Em Quilimane, governado então por Jeronymo Romero, um official de marinha de triste memoria a quem se deve o desastre da colonia de Pemba, planeada por Sá da Bandeira, pensou-se em se tirar vingança de tão grave humilhação. Os animos exaltaram-se em Quilimane com esta idéa, que era no fundo generosa, mas, como acontece sempre, quando se tratou de a executarem, obedeceram unicamente á violencia da paixão, e desdenharam os conselhos da prudencia e do bom senso. Desempenhou o papel de Cassandra, sempre desgraçado, o dr. Ambrosio Cypriano de Miranda, medico da India, que ainda hoje vive em Quilimane, segundo diz o sr. Castilho. Foi apodado, insultado e mandado a bordo de um brigue preso para Moçambique, onde o governador teve o bom senso de o mandar soltar immediatamente. Entretanto a expedição contra Inhaùde organisava-se sem regra, sem ordem, sem recursos, sem elementos de exito. Compunha-se das forças reunidas de Antonio José da Cruz Coimbra, João Bonifacio Alves da Silva e João de Jesus Maria, que foram completamente derrotadas pelo Inhaùde, abaixo de Lupata.

Era indispensavel transigir com este formidavel rebelde. Foi a essa ultima humilhação que se chegou. Em 1854 o coronel de milicias Galdino José Nunes foi encarregado de tratar com elle, e obteve não a paz mas sim tréguas humilhantissimas. Duravam ainda as tréguas quando ahi por 1856 falle-

EXPERIENCIAS DE COURAÇAS EM ANNAPOLIS

DISPOSIÇÃO DAS PEÇAS E DAS COURAÇAS

Sobre a placa d'aço — Sobre a placa Compound — Sobre a placa d'aço e nikel

ESTADO DOS PROJECTIS DEPOIS DO TIRO

Placa d'aço — Placa d'aço e nikel — Placa Compound

ESTADO DAS COURAÇAS DEPOIS DO QUINTO TIRO

ceu o Inhaúde, succedendo-lhe o famoso Bonga, cujo poder, como vêem, estava solidamente assegurado pelos triumphos de seu pae.

Ao lêr-se esta dolorosa narrativa, pensa-se naturalmente que razão têem os que pedem que se abandonem colonias, onde o nosso poder é tão vão, e onde a tantas humilhações se sujeita a bandeira portugueza. Veja-se porém que isto tudo se devia ao abandono dos governos, á indifferença com que se olhava para Moçambique. Quem sabia d'estas scenas em Portugal em 1850? Quem se importava com os acontecimentos de Moçambique? Discutia-se ardentemente a questão das eleições directas, e a das nomeações dos regedores, e o nosso imperio colonial desmoronava-se, não porque não podessemos com elle, mas porque o deixavamos no mais vergonhoso abandono.

Pinheiro Chagas.

A SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

III

No primeiro andar estão situadas as salas de *Portugal, India, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné, Macau e Timor*, ilhas dos *Açores e Madeira*, e *S. Thomé*.

A bibliotheca que occupa as trez salas denominadas *Cabo Verde, Guiné, Macau e Timor* possue nas suas estantes mais de doze mil volumes, alem de atlas e mappas historicos de notavel valor estimativo e intrinseco.

A sala onde reune a assemblea geral da Sociedade é denominada *Portugal*, as paredes são forradas de espelhos e as guarnições são a branco e ouro.

A direcção da Sociedade reune na sala *India*, a nosso ver a mais rica e melhor decorada de todo o edificio, os tectos são de obra de talha de madeiras antigas, e hoje de um alto preço pela raridade; e n'esta sala que estão no lado de honra da larga secretaria de pau santo, as trez cadeiras com os mesmos forros e dourados que tinham quando n'ellas se sentaram o grande marquez de Pombal, el-rei D. José I e a rainha.

As commissões que indicamos no nosso anterior artigo reunem nas salas *Angola* e *Moçambique* que são verdadeiros museus coloniaes de Portugal.

As salas de *S. Thomé* e *ilhas dos Açores*, onde estão expostos productos d'estas dependencias da metropole, servem de thesouraria e gabinete da meza da mesma respeitada agremiação.

Agora vamos apenas elucidar os nossos leitores a respeito do que hemos descripto no primeiro artigo (Occidente N.º 454) e que é explicativo das gravuras.

Na sala *Gil Ennes*, representa, a nossa gravura n.º 4, alem das vitrines em que estão os productos da terra africana e industria caseira, um tropheu composto de armas e distinctivos hierarchicos de guerra. N'esta sala aproveitaram os nossos distinctissimos gravadores e desenhadores, o *feitiço justiceiro*. Este *feitiço* (n.º 5) é crivado de pregos que representam os muitos actos de devoção, serve para descobrir os ladrões particularmente; os criminosos convictos são obrigados pelo *feiticeiro* (especie de oraculo consultivo) a cravar no feitiço um prego por cada roubo que confessam. A maneira de distinguir o innocente do criminoso é a seguinte: o preto que está convicto e seguro de não ter commettido roubo avança imperturbavel e crava o prego no *feitiço*; o delinquente, o criminoso hesita, e, pelo receio demonstrado, convence o juiz de quem foi o auctor do roubo.

Na sala *Diogo Cam*, (figura n.º 6) representa a nossa gravura um tropheu de caçador composto das astes dentes etc. das rezes abatidas, e indica uma das *vitrines* dos productos da nossa colonia africana.

A figura 7 mostra um *coin* da sala de leitura. A sala de *Vasco da Gama* apresenta na figura 8, a explendida collecção de algodões que tão admirada tem sido.

Na figura n.º 9 dá o Occidente o estrado, grade e plateia da sala *Portugal*, onde como dissemos reune a assemblea geral da Sociedade de Geographia de Lisboa.

A figura n.º 10 dá-nos a marimba *ia maquire* que está no rez do chão, sala de *Bartholomeu Dias* (museu africano).

As figuras n.os 11 e 14 mostram dois *coins* da sala do *Condestavel*, onde vemos a bandeira que serviu a Silva Porto, e exemplares das diversas armas desde alguns seculos até hoje.

A figura 12 representa a sala da *India*, onde está estabelecida a direcção da benemerita sociedade, em condicções que o chefe do Estado possa presidir com todo o aparato que requer a magestade de um povo heroico.

A figura n.º 13 mostra o desenho do *feitiço casamenteiro*. Este idolo está na mesma sala do feitiço justiceiro, na *Gil Ennes*, e differe de este ultimo em estar cravejado por outra razão. O sacrificio do pregamento representa as *promessas* dos indigenas com o intuito de satisfação de ambições amorosas. Os pretos fazem o acto pondo as mãos sobre a cabeça do *feitiço*, pregando-lhe um prego, e é assim que se permutam os protestos de fidelidade conjugal.

Terminando esta serie de artigos podemos, desassombradamente, affirmar que não ha em Portugal museu historico geographico-colonial como o que a Sociedade de Geographia acaba de mostrar ao publico de Lisboa.

A sociedade é pois, pelo que temos dito um nucleo intellectual de estudo scientifico que está a par das grandes potencias coloniaes e que honra Portugal.

Manuel Barradas.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XIII

Fernando Telles

Deixára ha quatro annos a Universidade de Coimbra, depois de se ter formado em medicina.

O seu curso fora assignalado com brilhantes provas de applicação e de talento, porque Fernando Telles, além de possuir intelligencia esclarecida, fazia gosto pela profissão de medico.

Filho de uma familia distincta de Beja — *Os Telles* — como era conhecida, fôra obrigado para satisfazer a vontade paterna a exercer a clinica em Beja, porque Gustavo, seu pae, quando elle fallou em vir para a capital respondeu-lhe em tom que não admittia replica:

— Quiz ver-te formado, simplesmente por um capricho de pae que deseja mostrar que cuidou, como devia, na educação de seu filho, e mesmo porque ainda não tinhamos nem um frade nem um doutor do nosso appellido, habito de muitos annos inveterado nas familias mais distinctas da provincia... Mas lá emquanto a saires de ao pé de mim, isso nem por sombras. Estou velho e cheio de gotta; se hei de pagar a um medico que me mande mais depressa para a cova, ficarás sendo tu o meu assistente, sempre terás um pouco de mais cuidado na minha saude. Se quizeres fazer vida pela tua profissão em Beja, não me opponho, mas com uma condição, não has de levar um real pelos teus serviços. Os Telles, seja Deus louvado, não precisam de trabalhar para comer.

Fernando conformou-se com os desejos de seu pae, e, como elle o deixáva exercer a sua profissão livremente em Beja, desde logo se inscreveu como medico do hospital da Mizericordia, ganhando ahi em poucos mezes uma enorme popularidade, pela maneira carinhosa como tratava os enfermos pobres, e pelo zelo que mostrava por tudo que tivesse em vista os bons creditos de aquelle estabelecimento de caridade.

Succedendo que o pae de Fernando fôra em Lisboa condiscipulo de Rodrigo José Ferreira Lobo, e se visitassem e se déssem mutuamente as duas familias, Luiz e Fernando continuaram entre si as boas relações de seus paes, e era sempre motivo de jubilo para ambos quando as férias os fazia encontrados, quer na capital quer em Beja, porque algumas vezes Luiz tivera ensejo ou de acompanhar sua tia D. Angelica Ferreira Lobo a casa dos Telles, ou de ver Luiz e seus progenitores em Louredo, quando estes iam pagar a visita a D. Angelica.

O escandalo com a morgada, e o processo vergonhoso que se seguira, surprehenderam desagradavelmente os paes de Fernando que, por um rigorismo de costumes, deixaram até de corresponder-se, por alguns mezes, com a tia de Luiz prohibindo expressamente Fernando de continuar a chamar amigo a um homem que não era mais que um libertino, de cuja sociabilidade só más consequencias se poderiam colher.

N'esse tempo ainda um crime de adulterio era considerado como uma das maiores offensas á moral, á familia e á sociedade.

Hoje isso passou de moda, e muitas vezes serve até de recommendação a certos individuos para frequentarem ainda mais assiduamente, as casas, honestas, usando de certas intimidades, entre donzellas e casadas, que cousa alguma as justifica...

Mas o mundo marcha, disse Pelletan, e os vicios sociaes marcham de mãos dadas com o progresso; e isto talvez só para mostrar que não será de todo erronea a maldição de Jehovah aos que provassem da arvore da sciencia do bem e do mal.

O castigo inflingido por José Ferreira Lobo a seu filho tornou novamente a estreitar as relações interrompidas por um breve parenthesis entre os Telles e D. Angelica, só Luiz é que conservava sobre a cabeça o peso d'aquella excommunhão maior.

Porém o tempo, que tudo aclara e tudo desvanece não tardou em vir produzir mais uma vez estes dois phenomenos em favor de Luiz.

O morgado de Louredo, que nos primeiros mezes tinha sido considerado como o modêlo dos maridos e o mais exemplar dos homens; que se deixára trahir pela sua boa fé e pela confiança cega que depositara em sua mulher; esse homem que condoído da orfandade de uma rapariga do povo fora offerecer lhe o seu nome, nome impolluto, que ella afinal deshonrara; ia passando por successivas transformações, como se o sujeitassem ás magicas lentes d'um kaleidoscopio, chegando afinal a serem já bem differentes as versões que corriam agora a seu respeito.

O casamento fôra uma especulação de fidalgo arruinado; o adulterio provocado pelo proprio morgado para se livrar da presença importuna da mulher e entrar na posse effectiva da herança; o desapparecimento da creança um plano forjado para que de futuro essa creança não podesse vir tomar-lhe contas do patrimonio que lhe era devido; emfim á medida que o morgado ia tomando as proporções de um monstro o procedimento de Luiz era já apreciado com côres menos carregadas.

Afinal quem procurasse bem no fundo a causa que originara aquelles amores talvez encontrasse mais d'uma circumstancia a attenuar a culpa.

Iam pois as cousas n'este pé quando os acontecimentos politicos de 1808 vieram dar uma nova orientação aos criticos da vida particular. Com a invasão franceza ninguem pensou mais, pelo menos nos primeiros mezes, do que em romantizar os boatos de restauração que por essa occasião se forjaram, e de então o processo da morgada deixou de ser o assumpto das senhoras visinhas e a conversa favorita do soalheiro.

Tres dias antes dos successos que vimos de descrever, Beja encontrava-se já n'uma excitação medonha. Luiz que viera trazer sua tia para casa dos Telles, por sempre estar ali mais a coberto de algum insulto da soldadesca de Berthier, do que em Louredo, foi recebido por Gustavo e Fernando sem reserva alguma, e perguntando-lhe Gustavo o que havia de verdadeiro em certos boatos que corriam a seu respeito em Beja, este teve occasião de confessar ao seu amigo e ao amigo de seu pae, quaes os desejos que ainda o animavam de requerer uma revisão do processo, annullar o casamento do morgado, casar com a mãe de seu filho e legitimar este, se acaso ainda fosse vivo. Mas deveria tentar tudo isto? Não seria agora outro crime ir perturbar a paz em que socegava das luctas da vida um coração dilacerado por tantos soffrimentos?

Gustavo vendo em Luiz tão bons desejos aconselhou-o a seguir os primeiros impulsos. Afinal esse coração que elle julgava tel-o esquecido talvez estivesse a finar-se de saudades, com a esperança perdida de que viessem soccorrel-o offerecendo-lhe a rehabilitação devida e tantos annos esperava. Que fazia esse ente a quem Anninhas déra o melhor dos seus thesouros, toda a sua honra, toda a sua virgindade, toda a dignidade do seu nome, por culpa de quem fôra mãe. Dia a dia, hora a hora ella havia de esperar que esse ente que lhe devia tanto, alguma cousa fizesse em seu favor. Abandonal-a não considerava Gustavo só uma prova de fraqueza, considerava um symptoma de covardia. Elle havia tambem de fazer valer toda a sua influencia para que o processo fosse revisto e a sentença annullada.

Por duas vezes foi Luiz passear por debaixo das janellas gradeadas do convento, mas vel-o-hia ella?

Alguma cousa poude apurar n'essas occasiões: que ella vivia e ainda ali a conservavam.

Mas como fallar-lhe?

A entrada de Berthier em Beja é que veiu precipitar os acontecimentos.

Depois do massacre da população, Berthier intimára o commercio da cidade a proceder á rapida construcção d'um hospital provisorio e Fernando Telles foi chamado a prestar ahi os seus serviços.

N'esta occasião Fernando indigitou Luiz Ferreira Lobo como seu ajudante, com o fim de o pôr ao abrigo de qualquer suspeita.

Estavam ambos no hospital provisorio quando tiveram conhecimento de que os francezes haviam

posto saque ao convento de Nossa Senhora da Conceição.

Esta noticia perturbou extraordinariamente Luiz que queria, a todo o transe, correr em defeza de Anninhas.

Só a muito custo conseguiu Fernando desvanecel-o d'aquella temeridade.

Horas depois Berthier mandava chamar o medico e o seu ajudante e dando-lhes por guia Benard dizia-lhes que era necessaria a presença d'elles no convento de Nossa Senhora da Conceição.

Calcule-se como bateria o coração de Luiz.

Que teria succedido?

....

O estado de Anninhas aggravara-se na enfermaria para onde fôra removida por ordem de Fernando Telles. Não era pois sem motivo que Luiz ficara inquieto quando, depois de deitarem Anninhas, elle podera observar que a temperatura do corpo subia constantemente.

Pelas oito horas da manhã Fernando Telles, apesar da noite trabalhosissima que havia tido, já estava na Misericordia visitando os seus doentes.

Quando chegou a vez de Anninhas, Fernando que percebeu que ella havia despertado, embora conservasse apparentemente o mesmo estado lethargico, perguntou-lhe:

— Então como está?

Anninhas pareceu não ouvil-o, mas pelos labios deslisou-se-lhe um sorriso.

Fernando tornou a repetir a mesma pergunta mas em tom mais imperativo:

— Então como está?

D'esta vez Anninhas chegou a proferir algumas palavras sem nexo.

— Abram essa janella.

A enfermeira abriu uma larga janella que havia defronte da cama.

Um jacto de luz banhou repentinamente o rosto de Anninhas.

— Luiz, apparece-lhe e vê se ella te reconhece.

Luiz, apesar da impaciencia natural, que necessariamente sentiu, ao estar na presença de Anninhas no convento e durante toda aquella longa noite no hospital, tivera sempre o cuidado de não provocar qualquer incidente que o denunciasse.

Fernando recommendara-lhe toda a prudencia elle observara rigorosamente as prescripções do seu amigo.

Porém, ao aproximar-se agora do leito ia constrangido, solemne; parecendo obedecer a um presentimento de desgraça.

Effectivamente quando se debruçou para o rosto d'aquella que fôra sempre toda a sua esperança, toda a sua vida; ao dirigir-lhe as primeiras palavras no fim de tantos annos, ella sorria-lhe como havia sorrido para Fernando, como uma creança que não tem a consciencia do que faz,

Tornou a fallar lhe, a mesma indifferença, o mesmo motismo. Via-o e não o reconhecia.

— Perdida, perdida para sempre, ouviu se exclamar a Luiz, como o desabafo de um doloroso gemido.

O medico ordenou então que as duas enfermeiras fizessem sentar Anninhas, para elle poder observar se o apparelho continuava collocado sobre a ferida como devia, porém, ao aproximarem-se as enfermeiras do leito, as faces de Anninhas transformaram-se.

Era um d'esses accessos de raiva, que são peculiares nos doidos, quando no seu espirito enfermo se reproduz alguma scena dolorosa que no passado mais os tivesse impressionado.

Já não havia que duvidar.

— Para traz, para traz, bradou Anninhas. Não me levem o meu filho, o meu querido filho.

E erguendo-se na cama com os olhos ameaçadores, a bocca crispada, o rosto livido, os cabellos desgrenhados, certamente teria praticado alguma violencia se Luiz, Fernando e as enfermeiras não conseguissem subjugal-a pela força.

— São reminiscencias da lugubre scena entre ella, a cigana e o morgado, quando no solar de Louredo lhe tiraram o filho... Larguem-n'a. Ordenou o medico. Vae socegando. Hão de agora seguir-se algumas horas de profunda lethargia.

E na verdade a enferma que parecera ter empregado n'estes segundos de lucta todas as suas derradeiras forças, deixou pender a cabeça inanimada sobre o travesseiro, mostrando pelo arquejar do peito e pelas palpitações desordenadas das arterias o grau de esforço que fizera.

Fernando, em seguida, ordenou ás enfermeiras que lhe ministrassem a poção habitual para lhe diminuir a febre, é saiu com Luiz a quem levou quasi arrastado pelo braço, tal era a desorientação de espirito a que o tinha levado aquelle pungentissimo incidente.

Alguns minutos depois de terem saido do hospital é que Luiz pareceu voltar a si, e disse olhando para Fernando:

— Está então perdida?

— D'aqui a oito dias dar-te-hei a certeza d'isso.

— E não me occultarás a verdade por mais terrivel que seja?

— Sou teu verdadeiro amigo, e não devo occultar-te cousa alguma.

Foi então que Luiz reparou que Fernando o conduzia por algumas ruas que já lhe eram familiares.

— Onde vamos?

— A' rua dos Infantes!

— Ao convento?

— Sim! Vou participar á superiora que a morgada de Louredo morreu e que poderá mandar rezar officios por sua alma.

Quando chegaram encontraram o convento cercado de tropa.

Berthier tendo noticia dos escandalos que se haviam praticado ali, em a noite antecedente, mandara retirar Villiot ao mesmo tempo que auctorisava a superiora, talvez por descargo de consciencia, a fazer o enterramento, com todas as ceremonias do culto, de quatro religiosas que haviam pago com a vida a defeza da sua honra.

Só n'uma cousa não concordara Berthier, em restituir as pratas e as alfaias que tinham sido roubadas.

Eis porque n'esse dia, depois das duas horas da tarde, os sinos d'aquelle convento tinham o privilegio de dobrar a finados no meio das grandes festas que Berthier mandara preparar em honra dos seus soldados.

(Continua). *Julio Rocha.*

OS MEUS LIVROS

XII

O trabalho litterario que nos foi offerecido pelo sr. F. Sá Chaves sob o titulo de *Episodios militares e Casos contemporaneos*, é, pelo titulo geral de *Ethographias Portuguezas*, como que o primeiro volume de uma serie de estudos sobre os costumes e linguagem portugueza.

A primeira parte expõe-nos em cinco quadros descriptivos e analyticos, *O ajudante de campo*, *O caçador de Santa Barbara*, *A surpreza*, *No quarto de sentinella* e *O convento*.

A segunda parte eivada de leituras de Eça de Queiroz e Emile Zola desenrola-se em quatro contos: *Albertina*, *O cabouqueiro*, *O facto*, *A descendencia de Arthur*

O ajudante de campo é incontestavelmente, em portuguez, o que ha de mais bem observado, de mais completo trabalho, sobre o genero.

O caçador de Santa Barbara, lembra o colossal trabalho dos inolvidaveis Emilio Erckmann e Alexandre Chatrian nas *Campanhas de 1813*. E, francamente sem elogio, alem de Erckmann e Chatrian, apesar de termos lido todos os nossos escriptores militares, nenhum realisou de modo tão exacto a recommendação de T. Varron — *Parlez comme tous, sentez comme le petit nombre*, — como o sr. Sá Chaves.

A surpreza confere ao auctor dos *Episodios militares* as esporas de oiro de primaciai na arte de observar e descrever; é um verdadeiro estudo de pathologia de classe.

No quarto de sentinella e *O convento* são estudos de menos folego mas que honram o talento do escriptor.

Nos quatro contos que se agrupam sob o titulo geral de *Casos contemporaneos* destacamos o *Cabouqueiro* como o melhor de todos, não deixando nós de reparar em que Sá Chaves está mais á vontade nos estudos sociologicos do que nas batalhas domesticas, ou talvez porque este ultimo genero está por demais desenvolvido em trabalhos de Bento Moreno que é um medico distinctissimo ao passo que o auctor das ethographias portuguezas é um militar illustradissimo.

Sentimos não poder por falta de espaço alongar mais e melhor a nossa proposição, e por isso resta-nos agradecer ao nosso talentoso amigo a delicadeza da sua offerta.

*
* *

A estatua do poeta, por Joaquim de Araujo, é uma *ode nacional* que este illustre academico expressamente compoz e recitou no sarau da *Sociedade Nacional camoniana*, realisado no theatro Gil Vicente do Palacio de Christal em 10 de junho ultimo sob a presidencia do sr. conde de Samodães.

A *ode nacional* é commemorativa do centenario de Camões, em que o auctor com o seu bello talento descreve a epoca em que agonisa o grande epico, onde

Não ha na infancia quem se não adestre,
Esmagando tropheus
Tal como sobre a tunica do mestre
Jogavam os judeus.

A este querido amigo agradecemos a sua bella *Estatua do poeta* de que elle é tão eximio esculptor.

*
* *

De Trindade Coelho, o delicado e primoroso contista, recebemos *Os meus amores*, titulo dos contos e baladas.

Abre o livro com um brilhante soneto do inspirado poeta da *Alma lyrica*, o nosso amigo Luiz Osorio.

O primeiro conto *Idyllio rustico*, é o que ha de mais notavel em observação de caracteres, de meio e logar, além do *Amor divino*, de Bento Moreno; o estylo de Trindade Coelho é leve e incisivo, não moe como as longas tiradas do grande Balzac, nem deixa na sua obra, um ponto, um detalhe, que não difina por completo o personagem, a atmosphera social em que vive.

Segue-se o *Sultão* em que o poder descriptivo é pleno de verdade:

«Tarde de agosto. Ao longe, fechando o horizonte que a eira dominava, as cristas dos montes quebravam-se n'uma sombra egual, e embaciavam ainda o poente as suaves e brandas pulverisações doiradas da ultima luz do sol. Riscas vermelhas de nuvens, como grandes vergas de ferro, levadas ao rubro, destacavam immoveis n'um fundo verde-mar, esvaecido e meigo, raiado de listrões de uma coloração leve de laranja. Pequenos algodões transparentes, como alvuras de neve, cortavam aqui e além, alegremente, a monotonia profunda do azul. N'um deslado, sob os castanheiros proximos, surgiam os telhados da aldeia, a torre branca da egreja, as paredes caiadas da escola.»

«A vasta eira commum, levemente accidentada, apresentava áquella hora o aspecto tranquillo e de paz de uma grande officina..................

....

Para quê transcrever mais. O livro deve ser lido por todos, e não queremos que o auctor nos incrimine por darmos gratis aos leitores do *Occidente* as melhores joias do seu artistico trabalho.

Depois do *Sultão*, temos a *Comedia da provincia*, *Væ victoribus*, *Maricas*, *Para a escola*, *Tragedia rustica*, *Abyssus abyssum*, *Mãe*, *Arrulhos* e um excerpto do seu novo livro, em preparação, *Batalhas da vida*, completam este bello volume de duzentas paginas que Trindade Coelho se dignou offerecer-nos,

Ao auctor, um nome já consagrado na litteratura nacional, prestamos aqui uma viva admiração pelo seu grande talento.

*
* *

Do senhor Dom João de Castro, recebemos *Alma Posthuma*, poemeto que o auctor divide em trez partes: *Sobre a Ara*, *Alma Posthuma* e *Litania Final*.

O illustre fidalgo que actualmente vive em Azurara (Villa do Conde) data, a primeira parte *Sobre a Ara* e os vinte sonetos da *Alma Posthuma*, da *Thebaida* do Paço-Azurara; e a *Litania Final* de Lisboa, *entre os Barbaros*, como diz o nobre poeta.

A primeira parte *Sobre a Ara* é precedida da phrase FARTAR VILLANAGEM! que o senhor Dom João de Castro elucida com a seguinte nota: — *Palavras do meu 13.º Avô, D. Alvaro, Vaz de Almada.*

A escola em que talentoso fidalgo filia o seu trabalho deve ser a de Verlaine. Nós pouco entendemos de novidades e reformas em escolas poeticas e por isso nos limitamos a agradecer a generosa offerta do livro. No entanto, sempre vamos transcrever um dos sonetos para que os *eleitos* avaliem da nova maneira do auctor do *Livro Branco*.

Eis o soneto, é o decimo primeiro da *Alma Posthuma*:

Ao longe, ergue-se o Sol; e dentro do meu peito
abre-se uma janella onde entra o dia claro
em bátegas de luz, janella donde encaro
a paizagem vernal do nosso Amor perfeito.

Desde que abandonaste emfim, todo desfeito,
o mongil que opprimia um Sonho grande e raro,
tua alma verte em mim olorencias de azáro
como torrentes de velludo liquifeito..............

Embebeda me o clôr de esta Ventura immune
e, n'uma acusma branda, oiço Santa Thereza
epithalameando o Amor que nos reune...........

Custa-me a respirar, como se estes arquejos
fossem a evolação, dos incensos de beijos
que perfumam meu peito — uma Capela accesa!

Como vêem, os leitores, não é uma pobre penna como a nossa, que poderia aqui traçar o monumento digno de tão altas concepções.

Manuel Barradas.

REVISTA POLITICA

«Reinava a santa paz na santa egreja». Nas altas regiões do Estado tudo vivia no melhor dos mundos possiveis. As finanças melhoravam a olhos vistos e o *Diario do Governo* dava d'isso signal, publicando portarias e decretos mandando abonar as gratificações, que outras portarias e outros decretos tinham suspendido ha alguns dias.

Mandava se continuar a revisão das matrizes, trabalho que as ultimas medidas de economia tinham suspenso ao cabo de quasi um seculo de laboração. Voltava tudo emfim aos seus antigos eixos para o bom andamento da publica administração d'estes reinos, e eis senão quando surge uma pobre e modesta hervinha, que até aqui só era conhecida e apreciada pelos asthmaticos como o anjo bom das suas suffocações, e intromette se nos negocios do referido Estado com tal impertinencia e atrevimento, que obrigou este a decretar o seu extreminio, com muito mais presteza e despiedade que não tem tido para decretar o exterminio dos agiotas, planta damninha que suga o sangue das gentes até á anemia.

Exterminio não dizemos bem, nem é essa a letra do decreto, porque emfim os poderes da terra não pódem suplantar os poderes da natureza, como muito bem o está mostrando a extincção dos cães vadios, mas a prohibição que a tal hervinha se venda como qualquer mulher perdida, o que não evita que se dê, mercê da natureza prodiga que a produz.

A pobre hervinha que fez trabalhar as chancellarias é a *Salvia* Salva, planta medicinal a que se attribuem grandes virtudes e bens para a saude.

Mas se ella fosse simplesmente Salva, não teria provocado as iras do Estado; não teria suscitado os considerandos dos decretos, nem as representações de uma companhia poderosa. Estamos convencidos que nada d'isto se teria dado se não fosse o adjectivo que se segue, com esta mania que nós temos de adjectivar tudo: ministro intelligente, mulher honesta, juiz recto, orador eloquente, militar valente, historiador erudito, e... Salva Brava.

Na nossa opinião a Brava é que perdeu a Salva, porque n'estes tempos que vão correndo, em que nada se quer bravo, o apparecer a Salva Brava a dar que fallar de si foi uma verdadeira provocação que não podia ficar sem correctivo.

O governo na impossibilidade de mandar metter na torre de S. Julião toda a Salva Brava que surge por esses vallados, desde o Cabo da Roca até Campo Maior e do Algarve até Traz-os-Montes, condemnou-a a não se vender, o que já não é pequena penalidade n'estes tempos em que tudo se vende e nada se dá.

Estamos certos que ella assim hade amansar, e se mesmo brava como era tinha tanto quem gostasse d'ella, agora mansa como um cordeiro é de enlouquecer os seus apaixonados.

Fizeram-te um reclamo querida Salva Brava, como até aqui o não tinham feito todos aquelles que te exaltaram as qualidades fumantes, reclamo que não nos atrevemos a fazer ás cruciferas que criamos no nosso quintal, porque sempre temos receio de que a Companhia do Monopolio dos Tabacos vá pedir ao governo o exclusivo de cultivar couves para uso... da sua cosinha.

Depois d'isto só nos resta vêr obrigar todos os cidadãos e cidadãs a fumar o seu charuto ou cachimbada, a fim de que a referida companhia possa augmentar em seus proventos, porque o seguro morreu de velho e o perder não faz bom cabello a ninguem, razão talvez por que ha tanta gente careca.

E por causa da Salva Brava deixamos os leitores sem noticias politicas, o que seria muito para sentir se as houvesse, mas como tudo o que ha é velho, incluindo as proprias notas, que á força de girarem mais que uma ventoinha, já não tem ponta por onde se lhes pegue, não lhes tomaremos mais tempo, que por nossa parte tambem nos é preciso para descobrirmos algumas pequenas pratas ou cobres para pagar á lavandeira, que nos declarou muito solemnemente não acceitar dinheiro em papel, sob pena de nos deixar sem piugas lavadas.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Lições Praticas de Linguagem Portugueza — *Cartas de Caturra Junior á redacção do Portuguez*, por Candido de Figueiredo. Lisboa, Imprensa Minerva, 1891. Um vol. de 300 pag.^{as} e 5 de indice in-8.°

Depois das *Lições da Lingua Materna*, publicadas, em tempo, no *Archivo Pittoresco*, por Silva Tulio, não temos noticia de outras lições da lingua portugueza que mereçam mencionar-se, que estas *Lições praticas de linguagem* portugueza com que o sr. Candido de Figueiredo vem agora favorecer a nossa litteratura, e dizemos favorecer, porque no desbarato de lingua em que a nossa litteratura vae, bom é que alguem acuda a tanta ruina com o seu bom conselho e auctorisados exemplos.

Nós tambem somos dos caturras que se interessam por estas questões linguisticas, porque temos em muita conta que a lingua de um povo é o principal caracteristico da sua nacionalidade e que a decadencia d'aquella vale a decadencia d'esta, como bem o está provando os tempos que vão correndo.

A fórma ligeira que o sr. Candido de Figueiredo deu a este seu livro premitte o ser lido sem infado e antes com prazer, que sempre o dá a leitura de bons livros que instruem e deleitam.

Se o assumpto é de caturras, não se nos dava de cedermos algumas linhas do nosso periodico a estas caturrices, se o seu auctor e nosso prezado amigo a isso quizesse dedicar mais alguns ocios.

E os nossos agradecimentos pelas suas boas lições.

OS PRESIDENTES DA REPUBLICA DO CHILI

D. CLAUDIO VICUÑA
NOVO PRESIDENDE ELEITO

D. JOSÉ MANOEL BALMACEDA
PRESIDENTE DICTADOR

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43